

Para Cada Vela um Pedido, o meu pedido é o grande encontro...

“ É o nosso parâmetro de identificação de nós mesmos. A nossa religião tem, no mesmo grau que as outras, a sua filosofia, a sua ética, a sua epistemologia. Não existe inferioridade entre a nossa religião e qualquer outra religião do mundo. Desde os primórdios de sua prática em nosso País pelos africanos escravizados, a religião do Candomblé se instituía como um templo dos Orixás e da resistência física e cultural de uma raça violentamente agredida”

- Abdias do Nascimento

A exposição da artista Kerolayne Kemblin, Manaura, negra e membro de um terreiro de Umbanda, povo tradicional de matriz africana, provoca reflexões identitárias, e não é uma busca de identidade pessoal. É que nas imagens pintadas ela tanto busca a sua auto-afirmação quanto vem, meio assim-assim, como que te recordando passagens de uma história coletiva que também me pertence, e que também te pertence...é a história de Manaus, do Amazonas, mas é mais do que isso e abarca miticamente toda a Amazônia que os portugueses chamaram de o “Grão-Pará, Maranhão e Rio Negro”. O Candomblé de que fala Abdias do Nascimento para todas as manifestações de religiosidade recriadas pelos negros na Amazônia, estende esse território, que vocês chamam de cidade, até onde os negros chegaram e habitaram neste novo, velho, mundo...

A cada vela, ou a cada imagem que a artista cria, é como um manto líquido Africano e Ribeirinho que aprende com os povos originários (indígenas) o uso das ervas nativas, e se recria na envolvente ‘paisagem Kongo Solimonesa’ que a artista te coloca nesta Afro-Amazônia...na Amazônia Negra caribenha...

Kerolayne não estabelece limites, nem fronteiras divididas em barreiras que nos separam. Ela te propõe estar junto, se ajuntar em pedaços para que se possa refazer a cosmologia ancestral dos povos que os colonizadores quiseram exterminar...

A poética de kerolayne te retira dessa posição passiva de observador, e te joga na busca pelos corpos naufragos naqueles rituais que os antigos faziam para encontrar seus mortos...Uma vela numa cuia colocada bem no lugar onde a canoa naufragou...E deixa que a corrente do rio vai te levar a encontrar o corpo dos que tu tens afeto...

É isso, esta exposição te leva a emergir em sua espiritualidade, em seus primórdios de existência, para que te revele, meio que em sonhos e auto descobertas, que podem te levar á sua própria essência de ser negra no Amazonas que, por suposto, consideravas perdida para sempre...

Nós somos encantarias, se encante você também!

Belém, abril de 2018.

*Táta Kinamboji/ Arthur Leandro
Tata Kinamboji é Kisikar’Ngomba ria
Nzumbarandá, povo de matriz
Bantu, artista e professor de Artes Visuais
Na UFPA, Mestre em História da Arte pela UFRJ*